



*Uma nota prévia para dizer que poderei ser acusado de oportunista. Mas um oportunista saudável, na medida em que as palavras que proferirei a seguir, resultam da profunda e emocionada convicção de que a subtração da dignidade aos militares de ontem constitui antecedente que, as elites governantes e não governantes, levam a efeito relativamente aos militares de hoje...*

Sr. Prof. Dr, Adriano Moreira;

Sr. GEN Carvalho dos Reis;

Camarada, Comendador Arruda;

Outros camaradas presentes

Srs. Convidados, meus Srs., minhas Sras.:

Bem hajam por terem promovido esta iniciativa evocando acontecimentos da nossa história, trazendo às gentes de hoje as memórias de factos passados em que os protagonistas foram muitos dos nossos concidadãos, a quem é devido um justo e merecido reconhecimento.

Para nós, Associação dos Oficiais das Forças Armadas (AOFA), é uma honra estar presente em momentos como este porque, na homenagem prestada aos militares e combatentes de ontem, nós, os militares de hoje, se outras razões não houvesse, percebemos e sentimos viva a condição militar que nos impõe restrições, deveres e disponibilidade permanente para, se necessário, com o sacrifício da própria vida, garantir a soberania e a defesa da Pátria.

Estamos solidários e em comunhão fraterna com os que justamente requerem o reconhecimento e afirmação de cidadania, modestos bens de que, uma Nação atenta, deverá dispor para aqueles que um dia tanto lhe deram.

Comungamos pois, de muitas das vossas preocupações, as quais, expressando-se em modestas exigências, sabemos constituir prenúncio para que, tal como aos militares combatentes de ontem, também para os que o são hoje, a todos seja conferida a dignidade e reconhecimento que, sistematicamente, lhes têm vindo a ser sonegados.

Honra e valor pois, aos cidadãos que um dia, arrancados às suas terras, os mandaram para outras longínquas paragens lutar por causas que desconheciam, mas que lhes apontavam como sendo o dever irrenunciável da defesa da sua e nossa Pátria.

E foram.

Muitos, desgraçadamente não regressaram e, numa dor imensa, são ainda hoje chorados por pais, irmãos, esposas filhos e filhas.

Honra e veneração, pois, para os que ficaram no campo de batalha.

Para os que tiveram a sorte de voltar e que, aqui, igualmente são credores da nossa homenagem, espera-se dos poderes públicos uma efectiva atitude de reconhecimento da dignidade que exigem, com acções, algumas das quais não terão que estar necessariamente associadas a significativos encargos, antes carecendo de vontade política para tanto, destacando, a título de exemplo:

- Os processos de Deficientes das Forças Armadas e do Stress Pós-traumático que se arrastam por infindáveis anos (já lá vão 37 anos), sem que se vislumbre a respectiva conclusão. Bastaria aqui, proceder à reorganização de estruturas e tramitação processual, para agilizar o seu tratamento e, quiçá, reduzir os respectivos custos;

Termino como comecei; bem haja a ADFA que, em boa hora, deu vida a este evento.

Congreguem-se outras, muitas vontades para que, desta e de outras maneiras, venha a ser prestado o devido tributo aos que, justamente o reclamam.

Reconheça-se e afirme-se pois a cidadania dos combatentes, daqueles a quem o campo de batalha marcou fisicamente e a outros, combatentes também, marcados de muitas formas, merecedores, todos, do reconhecimento e afirmação de cidadania.

Vivam os combatentes

Viva a Associação de Deficientes das Forças Armadas

VIVA PORTUGAL